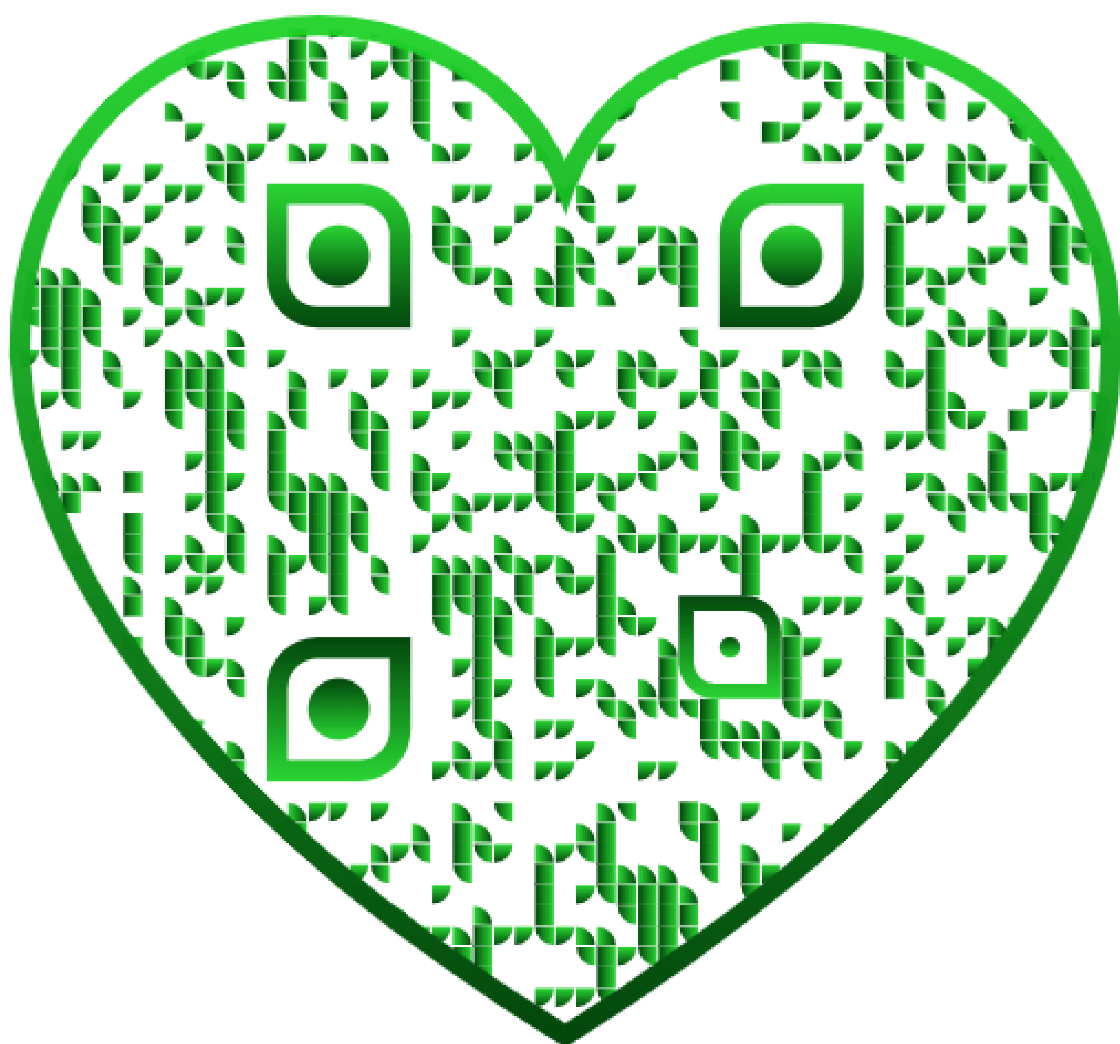

CARINA DOSON
OS SEGREDOS
DO TEU OLHAR



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Eu estou ficando louca.

Puxei o lençol e virei-me na cama vazia, sentindo o calor que ainda emanava a lembrança do homem que a pouco se levantara dali. Dentro de alguns minutos, Marcus voltaria ao quarto com uma torrada na mão e uma caneca de café, como fazia quase todas as manhãs. Mas desta vez, ele estranharia o fato de eu ainda estar deitada e me questionaria sobre isso. Eu mentiria, diria que estava doente, e ligaria para o serviço explicando que eu precisava me ausentar por um dia. Ele então se oferecia para ficar comigo, arrancando-me um meio sorriso e recordando-me porque eu o amava tanto, mas eu dispensaria seus cuidados e, por fim, acabaria vencendo-o com os bons argumentos que me vinham tão facilmente. Por um lado, era uma grande sorte que minha carreira como advogada necessitasse de boas doses de poder de persuasão, porque eu nunca precisara tanto convencer alguém do que eu dizia como naquela manhã.

Conforme o previsto, meu noivo entrou no quarto e seguiu quase à risca o roteiro mental que eu já havia antecipado, acalmando-me com a previsibilidade que provém da convivência.

Apesar de eu ter vencido a questão, ele ainda terminou de se arrumar para o trabalho visivelmente contrariado, os olhos acizentados me lançando esguelhas preocupadas que ignorei deliberadamente, fingindo estar muito entretida pelo padrão floral do edredom. Quando não havia mais desculpas para enrolar e continuar se atrasando, ele cedeu e foi dar-me um beijo na testa e reforçar que me amava e que eu não deveria hesitar em ligar para ele se precisasse. Sorri fracamente, concordando, e ele partiu.

O eco do silêncio ribombou pelo apartamento após a porta bater com a

partida de Marcus. Fechei os olhos, tentando refugiar-me na escuridão interior para esvaziar a mente e controlar a respiração, mas era inútil.

As lembranças da noite anterior foram mais fortes e invadiram os meus pensamentos como uma correnteza quebrando a barragem.

Marcus e eu conversávamos normalmente durante o jantar, entre sorrisos e brincadeiras. Estar com ele era como usar o meu moletom favorito nas primeiras noites de inverno, uma sensação de proteção e conforto familiar que fazia cada parte do meu ser se aquecer.

Ainda assim... Eu não admitia nem para mim mesma, mas apesar de amá-lo com todo o meu coração desde que éramos apenas crianças na escola, havia algo que eu evitava veementemente. Eu evitava olhar por muito tempo em seus olhos. Aqueles olhos acizentados já foram o meu paraíso. Eu sentia que havia uma vastidão tão intensa que eu poderia me perder lá dentro...

Entretanto, por vezes, quando os olhava diretamente por tempo demais, era como se estivessem vazios. Nos últimos anos, seus olhos se tornaram uma casa de janelas apagadas, há muito abandonada. A impressão era que não havia nada dentro do homem que eu amava, nada através de sua concha. Nada além do nada infinito e impossível.

Enquanto aqueles pensamentos renegados me acometiam durante o jantar da noite anterior, acabei inadvertidamente olhando em seus olhos e perdendo-me neles por puro descuido. O cinza estático e oco estava lá, tão súbito e certeiro quanto topar com uma porta de vidro. Mas, então, ele se calou no meio de uma frase — percebi pela brusquidão da mudança, embora não estivesse prestando atenção antes disso — e algo se ascendeu por detrás de sua íris.

Uma fagulha. Vida. Havia alguém em casa e ascendiam as luzes que tornavam aquela fachada infinitamente mais aconchegante do que já era.

Empertiguei-me com a surpresa, e o silêncio se desdobrando lentamente entre nós.

Marcus engoliu o ar de uma lufada, da mesma maneira que pessoas que acabaram de se afogar fazem ao recobrar os sentidos.

“Encontre-me.”, disse ele e eu quase caí para trás, empurrando a cadeira para longe da mesa com pressa demais.

Os lábios dele não estavam sincronizados com a fala e sua voz era uma nota mais profunda, mais doce e mais rouca do que jamais fora.

— O q-que...

“Encontre-me, Cecília.”, repetiu ele, desta vez com um quê de súplica que acertou meu peito como uma alfinetada; uma dor pequena, mas ardente.

— Pare com isso, não tem graça. — minha voz saiu em um sussurro falho, o medo tão visível quanto a lua em uma noite sem nuvens.

“Cecília...”. Uma das mãos dele flutuou vagarosamente em minha direção, mas seus movimentos descompassados não eram páreo para o meu cérebro cheio de adrenalina. Levantei-me de um pulo e fui para trás do espaldar da cadeira, como se aquela barreira pudesse me proteger da estranha anormalidade que o atacara.

“Encontre-me, por favor.”

— Pare com isso! — gritei, a agonia sendo substituída pela raiva. — Esta brincadeira não tem graça, Marcus. Você está bem na minha frente!

“É a única forma como conseguiremos... Apenas encontre-me. Por favor. Rápido.”

Então, assim que os sons das últimas palavras se esgotaram, alguns segundos após os lábios dele pararem de se mover, o interruptor em seu interior foi clicado novamente e a luz se extinguiu. Seus olhos voltaram a ser estática e

ele continuou divagando sobre o que quer que estivesse falando antes daquela estranha intercepção de sinal.

Mais uma vez, não consegui prestar atenção na conversa rotineira. Meu coração martelava com intensidade e minha mente era uma superlotação confusa de pensamentos que colidiam e se partiam, cada partícula se multiplicando em novas dúvidas, temores e indignações.

O que raios estava acontecendo ali?

De volta ao presente, deixei o ar escapar de um suspiro, esperando que desfazer-me do ar em meu interior fosse ajudar a me livrar da toxicidade que começara a me corroer por dentro. Mas não importava quantas vezes ou quão forte eu expelisse o ar, eu não poderia me livrar dos pensamentos e das memórias que ainda atribulavam minha mente, porque nada nos prepara para o inimaginável.

O cansaço era quase uma força física, me prendendo contra o colchão. Apesar de ter tido uma boa noite de sono, a letargia que eu sentia naquela manhã vinha de um lugar mais profundo; não era físico, era uma atmosfera própria que me envolvia e me incapacitava. Em outra situação, eu não teria resistido, apenas fecharia os olhos e tentaria dormir até a sensação estranha em meu peito se amenizar...

Mas era Marcus me pedindo um favor.

Não importava que fosse absurdo ou insano, não importava nem mesmo que não fosse realmente ele quem me pedira aquilo. Algo fez meu noivo dizer aquelas palavras, algo o estava afetando e eu precisava ajudá-lo. Se havia alguma chance de eu recuperar a centelha de vida que eu vira em seus olhos na noite anterior, então eu procuraria por ela por todo o planeta, sem jamais desistir.

Quebrei a inércia ao levantar-me e meu corpo resistiu, pesando uma

tonelada.

“Encontre-me.”

O que raios aquilo deveria significar?

Após um banho e uma xícara de café, decidi finalmente sair e encarar a minha missão, mesmo que eu ainda não a compreendesse totalmente. Eu precisava encontrar alguém que não estava perdido, alguém que eu sabia perfeitamente *onde* estava, mas que eu já não tinha mais certeza de quem era.

Sem me dar conta, meus pés me levaram à antiga escola onde conheci Marcus. Havia anos que eu não andava por aquelas redondezas, então só pude abrir um sorriso nostálgico ao constatar que tudo se conservava bastante fiel às minhas lembranças.

Observei a fachada de tijolos em sua quietude, sem saber qual deveria ser o meu próximo passo. O ruído branco delatava que as classes se encontravam em aula, talvez até mesmo na execução de alguma prova. Logicamente, eu sabia que não podia simplesmente entrar para vagar pelos corredores, em nome dos bons e velhos tempos, mesmo que aquela fosse a minha vontade.

— Cecília?

Virei-me em direção à entrada secundária e vi a mulher que fora a minha professora de Biologia parada do outro lado da calçada. Saudei timidamente e atravessei a rua para abraçá-la.

— Eu achei mesmo que fosse você! — ela sorriu, retribuindo o meu abraço com entusiasmo. — Como tem passado, florzinha?

— Muito bem, obrigada. E a senhora?

— Também, também...

A porta foi aberta e Suzana pegou em meu braço, conduzindo-me para

dentro junto com ela.

— Lembra-se da Cecília, Edna? — a professora, mais parecendo uma mãe orgulhosa, perguntou para a moça da portaria, e em seguida já emendou: — Aceita um café, flor?

Aceitei com um aceno de cabeça, surpresa com a sorte que eu tivera em alcançar meu objetivo de entrar naquele lugar com tamanha facilidade.

Mas antes que eu pudesse agradecer ao alinhamento dos astros, fui tomada por um arrepio súbito.

A verdade é que eu não pensava muito na escola atualmente. Com o passar do tempo, parei de associar Marcus com aquele lugar, pois ele se tornou a atmosfera que me envolvia; ele estava em toda parte, em cada segundo de minha vida, abraçando-me como uma força vital sem a qual eu já não existia. Consequentemente, as nossas lembranças da escola ficaram guardadas em um compartimento mais profundo de minha memória, dando espaço às recordações que íamos criando conforme trilhávamos nossa vida juntos. Sabe, não é difícil esquecer o princípio quando o final não está em vista. O passado é substituído pelo presente e pelos devaneios sobre o futuro, e você só se dá ao luxo de revisitar tais recordações quando esbarra com provas da existência delas, como migalhas de pão deixadas pelo tempo em fotografias e outros souvenires.

Exatamente por isso, adentrar o lugar que fora o palco onde o romance de minha vida se iniciou acertou-me com um solavanco.

Observei a parte coberta do pátio, onde nossos amigos se esconderam para assistir ao espetáculo do dia em que Marcus confessava seu sentimento por mim. O pequeno jardim onde parti meu próprio coração nos braços de minha melhor amiga, prometendo que lhe seria fiel e não me envolveria com o garoto que declarara seu amor por mim, o mesmo por quem ela sempre fora apaixonada.

Subi as escadas com a professora e de alguma maneira fomos parar na exata sala de aula que Marcus e eu dividimos pelos dois anos que se seguiram após o término da nossa história sem início.

Ainda estava lá, o silêncio estático, pairando no ar como um fantasma empoeirado. As luzes apagadas, deixando apenas a luminosidade do dia clarear o local através das cortinas abertas, conferindo uma atmosfera ainda mais melancólica e etérea.

— Aqui agora é a sala dos professores. — Explicou Suzana, deixando sua bolsa em um dos módulos do armário e passando a chave. — Você estudou aqui, não foi?

— Durante os três anos de ensino médio.

Ela concordou como se compreendesse perfeitamente e me serviu o café.

— Ainda tem contato com algum dos seus colegas?

Pisquei surpresa com a pergunta da mulher que um dia fora uma de minhas professoras favoritas e ela riu daquela forma despojada que lhe era tão característica.

— Ah, sim. — concordou, interpretando o meu silêncio e bebericando seu café. — Eu conheço esse olhar. É incrível, não é, Ceci? As coisas que a gente acaba esquecendo pelo caminho...

Sorri envergonhada, como se o fato de eu ter me esquecido de pessoas que provavelmente também se esqueceram de mim, fosse equivalente a ser pega em um grande e vergonhoso flagra.

— É... Mas não me esqueci de todos, na verdade. Marcus e eu estamos noivos.

A alegria daquela confissão alargou o meu sorriso, pois nenhum tempo parecia capaz de amenizar a intensidade do sentimento juvenil em meu peito. De

alguma forma, parecia que nós ainda estávamos no início do relacionamento, com toda a inquietação e adrenalina tão típicas da fase inicial. Suzana não respondeu de imediato e levantei os olhos timidamente para encontrar sua expressão, esperando ver uma exclamação ou quem sabe até mesmo dificuldade de recordar quem era o homem a quem eu me referia.

Contudo, não havia nada do que eu esperava ver nas feições da mulher à minha frente. Seu rosto parecia congelado, como a imagem pausada em uma televisão e, em reflexo, um calafrio subiu por minha coluna. Seus olhos castanhos estavam vazios e sua mão parara no ar, em uma posição em que seu copo plástico de café estava próximo demais para que ela o estivesse apenas segurando, mas sem que ela fizesse qualquer tentativa de bebê-lo tampouco.

Os segundos se arrastaram e ela piscou, despertando uma reação em cadeia que sucedeu rapidamente bem em frente aos meus olhos. Seus cabelos crespos encolheram como se entrassem de volta para o couro cabeludo, o batom sumiu de seus lábios grossos conforme eles mudavam de formato, as curvas de seu corpo substituídas por um formato mais angular e os olhos perdendo a cor da mesma maneira que a claridade da manhã quebra o anoitecer.

Rápido demais, Marcus estava em minha frente. Não a versão que beijara minha testa e saíra para trabalhar naquela manhã, mas a versão da noite anterior com pequenos detalhes de diferença, dignos de jogos de Sete Erros.

— Não... — foi tudo o que consegui murmurar em minha incredulidade.

"Você está enganada."

A voz mais rouca e mais baixa surpreendeu-me novamente, causando-me arrepios. A diferença era tão pouca que não deveria causar tamanho impacto.

— Não é possível. — desviei o rosto para longe. — Você não pode estar aqui.

"Cecília, você está enganada. Há algum acerto em seu engano, mas você ainda está enganada. Eu não estou aqui. Encontre-me."

Mais uma vez vi o brilho se apagar dentro dos olhos que eu tanto amava, e um pedaço de mim se extinguiu junto com aquela luz. Assisti à transformação ocorrendo em sentido contrário e Marcus reassumir a aparência de Suzana. Depois de concluída a mudança, a professora piscou novamente e continuou a levar o copo plástico até os lábios sem sequer notar que fora interrompida por um fenômeno impossível.

Depois de tal aberração, não consegui mais permanecer na escola. As paredes pareciam me comprimir e o ar se tornara rarefeito, então dei uma desculpa qualquer para despedir-me da professora, e parti quase correndo para fora do prédio.

Uma vez lá fora, curvei-me, apoiando-me na parede e sugando o ar em lufadas sôfregas. É claro que eu sabia que nada daquilo podia ser real... Mas ter ciência das implicâncias lógicas de uma situação não era o suficiente para mudar o fato de que tal situação *realmente* acontecera, bem diante dos meus olhos. Logo, a única explicação só podia ser aquela na qual eu não queria acreditar.

Eu *estava* ficando louca.

Senti as finas gotas de chuva acariciando a minha pele e virei-me indignada, querendo encontrar alguém para culpar por todos os problemas das últimas vinte e quatro horas. Mas aparentemente não era apenas a noção do tempo que eu perdera ao me embrenhar em indignações e devaneios. Porque além de não notar o céu se fechando, eu também não notara que meus pés já me levavam para um novo destino.

Parei de chofre ao perceber que me encontrava no parque em que fomos

comemorar o fim do ensino médio. No fundo, fazia sentido que meu subconsciente fizesse o mesmo trajeto que fiz da última vez em que saí pelos portões da escola.

Na época, éramos um grupo de cerca de quinze adolescentes, correndo e agindo como se não houvesse uma única preocupação no mundo, porque a vida nunca nos parecera tão boa quanto parecia naquele dia ensolarado. O meio-dia tinha um sabor de liberdade e saudade que não sabíamos nomear, mas que nos inebriava por completo.

Todas as portas do mundo estavam abertas à nossa frente, então sequer percebíamos as que estavam se fechando logo atrás de nós, em despedidas que só o tempo revelaria como tendo de fato sido adeus.

Depois daquele dia, demorei anos para ver Marcus novamente.

Era engraçado o contraste daquela lembrança com o presente momento. Sentei-me em um banco do parque vazio, pois a chuva provavelmente fizera todos fugirem procurando algum lugar para se abrigarem, mas havia tantas coisas atribulando minha mente que a mera garoa já não me incomodava. As gotas eram geladas e delicadas, mas ainda assim agradáveis.

Abracei-me em um reflexo mais de temor do que qualquer outra coisa. Uma rajada de vento arrancou algumas folhas amareladas e as conduziu até uma poça d'água. Senti um desejo infantil de pisar nas poças e, sem ninguém para me repreender ou julgar, decidi levantar e espirrar a água com meus sapatos.

Talvez eu estivesse reprimindo a agonia e aquela fosse uma forma de liberação. Ou então era a saudade de quando a vida era simples e pisar em poças era a coisa mais divertida que existia. Quem sabe, ainda, aquilo era apenas um sinal de minha iminente loucura.

Demorei alguns minutos para entender que as gotas mornas em meu rosto eram minhas próprias lágrimas. Continuei andando, mas o nó em minha garganta estava levando a melhor e fui obrigada a parar por alguns instantes e apoiar-me contra a grade que rodeava o lago, conforme eu tentava achar a calma que me abandonara e invertera o eixo do meu mundo.

"Cecília..."

Desta vez apenas franzi as sobrancelhas em angústia, sabendo o que estava prestes a acontecer. Olhei ao redor, mas não o encontrei. Meus instintos e sentidos se apuraram, deixando-me mais ciente dos meus arredores, assim como eu ficaria ao perceber subitamente estar em uma situação de potencial perigo... E talvez eu realmente estivesse.

Olhei de relance para a água, meu reflexo se perdia entre as gotas na superfície e eu não conseguia me enxergar. Por um instante, fui consumida pelo pânico de sentir que eu poderia deixar de existir se não conseguisse focalizar o meu reflexo, então tentei cerrar um pouco os olhos para conseguir uma visão mais nítida.

"Vê como a água consegue ser transparente e turva ao mesmo tempo?"

Finalmente percebi que a voz de Marcus vinha de dentro do lago, e seus olhos apareceram com clareza onde deveriam estar os meus.

"É você quem está fazendo isso. Você está me projetando aqui para não precisar se encarar. Mas a verdade está mais perto do que você imagina. Apenas tente enxergá-la, por favor. Pare de se conter. Procure-me. *Encontre-me*."

— Eu não faço ideia do que você está falando.

"Chega de mentiras. Você não pode ficar na chuva para sempre."

— Eu *não sei* do que você...

Um fragmento de lembrança saltou para o primeiro plano de minha mente, desconcentrando-me de minha própria fala.

Naquele dia, o último dia de aula, chovera no parque. Enquanto corríamos embriagados pela liberdade, uma chuva que era aquecida pelo sol começou a cair, conferindo ainda mais mágica àquele momento e completando a dualidade que sentíamos.

As portas do futuro se abriam, as portas do passado se fechavam. Marcus estava saindo da minha vida e eu sabia disso, mas não tinha coragem o suficiente para agir a respeito, para pedir que aquele fosse o começo e não o fim.

Demorei anos para vê-lo novamente... As minhas dúvidas sobre aquele dia, todos os "e se" golpearam o meu interior por todo o tempo que se seguiu. Fiquei presa naquela chuva, que fora de garoa à tempestade simplesmente porque o meu interior utilizara os fatos como metáfora e potencializara o turbilhão.

"Encontre-me e pare a chuva."

As últimas palavras que emergiram do lago, devolvendo-me ao presente, foram quase um sussurro do vento e foram as que eu mais tive dificuldade em discernir se ouvira ou imaginara.

Havia algo de importante ali, como um vulto à distância, que ao mesmo tempo em que você conhece os contornos, não consegue identificar os detalhes. Tentei me concentrar mais, mas sabia de antemão que o resultado seria o mesmo se eu estivesse tentando segurar fumaça.

Em algum momento a gente cede à pressão. Seja às expectativas de alguém, seja à força indomável do tempo, seja ao choro. Em algum momento, todos nós cedemos à pressão. Então, deixei que a correnteza em minha mente me conduzisse através do fluxo natural, carregando-me conforme lhe convinha. Talvez se eu simplesmente parasse de lutar, eu desbloqueasse também as

respostas que estava procurando.

O frio atravessava minha pele e alfinetava meus ossos. A escuridão já não tinha nada a ver com o tempo fechado, apenas servira para nublar a minha percepção do tempo mais uma vez, mas agora eu finalmente me dava conta de que de fato já anoitecera. A chuva caía em câmera lenta, gotas esparsas e finas que até alcançarem o solo já tinham praticamente se evaporado e mais pareciam as goteiras que sobram após a tempestade passar.

Percebi que estava em uma rua a quarteirões do parque, mas não me preocupei de não ter notado como chegara lá. O frio atormentava com sua intensidade e eu não conseguia entender porque eu não pegara um casaco ao sair pela manhã. Será que eu havia achado que não demoraria tanto? Ou estava calor quando eu saí? Afinal, em que estação do ano estávamos mesmo? Por que o dia fora esfriando tanto, progressivamente?

A rua poderia perfeitamente ter saído de um filme de velho oeste, tão deserta que estava. Mas, pensando em retrospecto, poucas foram as pessoas que eu vira durante todo o dia... Havia algum toque de recolher ou epidemia da qual eu não estava ciente?

Virei à esquina para subir a rua e vi um único carro parado ali, abandonado, esquecido. Comecei a piscar como se meus olhos estivessem cheios de areia enquanto observava o veículo solitário, e meu coração ameaçava fugir de minha caixa torácica, tornando minha pulsação audível por todo o corpo. Tentei andar mais alguns passos, me aproximar da cena que parecia pausada à frente, mas era como se meus pés tentassem criar raízes no asfalto para me impedir.

Apenas um passo. Foi tudo o que custou para que eu cruzasse a linha invisível e fosse bombardeada por todas as peças restantes daquele quebra-

cabeça sinistro.

Uma chuva torrencial começou a cair e meu estômago foi puxado para trás em um solavanco. Caí de joelhos gritando, mesmo sem ainda compreender completamente — era como se uma metade do meu cérebro fosse mais rápida do que a outra em assimilar os fatos.

O carro cinza deu partida e já estava no meio do cruzamento quando outro veículo surgiu a toda velocidade, acertando o vidro do passageiro em cheio, fazendo voarem estilhaços de vidro e enchendo o ar com o som da derrapagem, da colisão e dos gritos.

Só que o som dos gritos nunca alcançou os lábios ou se propagou, preso entre tantas outras coisas que deveriam ter sido ditas e não foram, entre todos os "e se" e portas fechadas.

Eu não estava mais de joelhos gritando, assistindo tudo à distância. O cinto de segurança me puxava na direção oposta àquela em que meu corpo tentava voar, fazendo um vergão instantâneo romper minha pele. Virei o rosto e fechei os olhos, tentando proteger-me da janela fragmentada, mas sentia a ardência afiada provocada pelos cortes em meu braço e rosto.

Entre piscadas de pavor, vi o rosto de Marcus no banco do motorista, suas feições estampadas de pânico e seus olhos mergulhados em uma súplica que eu não conseguia interpretar.

Mas eu estava saindo daquele lugar, daquele momento também.

Meu corpo foi suspenso no tempo e no espaço, como se toda a minha existência tivesse parado, mas o mundo ao meu redor tivesse continuado. Mergulhei através de uma descida íngreme, como um túnel escuro, escorregando para as profundezas do vazio. Flashes de memórias, fragmentos de conversas, tudo o que me compunha estava ao meu redor, rodopiando

nauseantemente e caindo junto comigo em uma espécie de apresentação de slides descoordenada por uma fenda irreal do universo.

A adrenalina ainda pulsava por meu corpo quando abri os olhos e inalei o ar como se acabasse de ser resgatada de um naufrágio. Exatamente como sair da água, todos os meus sentidos voltaram em um baque. As luzes demasiado brancas ameaçando me cegar, os bipes de máquinas e burburinhos de vozes que se atropelavam, o aroma químico do ar esterilizado...

Então, voltei para a escuridão.

Desta vez, o escuro foi breve e vazio como um piscar de olhos. Quando acordei novamente, minha mente estava imersa em uma fina névoa que cobria meus pensamentos e deixava meus movimentos moles, contrastando com meus membros que nunca pareceram tão pesados.

— Ei, vá com calma, Cecília...

A voz doce, profunda e rouca estava banhada por tanto cuidado e preocupação, que eu senti como se houvesse uma parede de gelo na parte de trás do meu coração. Levantei os olhos, temerosa, mas também esperançosa. E o que vi me fez inspirar com voracidade novamente.

Era Marcus.

Mas não era o meu noivo.

Era Marcus.

Com todos os traços apaixonantes que eu decorara, mas também com os pequenos detalhes e falhas que o tornavam perfeito e *real*.

O pensamento me ocorreu com a mesma naturalidade de qualquer reação, tão simples e impensado quanto rir de uma piada. Entretanto, não havia nada de engraçado ali e minha pele se arrepiou ao mesmo passo em que meus olhos se

enchiam de lágrimas e a percepção me cobria como um manto.

A cicatriz vermelha e recente onde foram dados pontos no rosto de Marcus, a cama onde eu me encontrava, o acesso periférico que bombeava os medicamentos em minhas veias, a máscara de oxigênio...

O acidente.

— Há quanto tempo...?

A frase morreu em meus lábios, porque os pensamentos em minha cabeça eram muitos para minha voz acompanhar, e minha boca estava mais seca do que se eu tivesse falado durante horas, minha língua apenas um pedaço de lixa inútil e estranho.

— Apenas respire e se acalme. — ele pegou minha mão e com toda a suavidade do mundo a apertou apenas o suficiente para que eu soubesse que ele estava comigo. — Vou chamar o médico, eu já volto.

Ele saiu rapidamente do quarto e eu me senti afundando novamente. Eu estava em um hospital e todas as peças iam se encaixando.

Anos se passaram desde o último dia do ensino médio e, em outro dia de chuva, encontrei com Marcus em uma cafeteria.

Mais um ciclo terminando, outro ciclo começando.

Conversamos e rimos, e o tempo que transcorreu entre nós mostrou que apenas nos moldou para que pudéssemos nos encaixar melhor naquele momento; éramos peças de quebra-cabeça e finalmente fazíamos sentido quando colocados lado a lado. A conversa fluiu com a naturalidade de duas pessoas que conviveram juntas durante anos, mas também com as borboletas alvoroçadas de quem tem muito para descobrir e tudo a perder, tudo a ganhar. Saímos de lá com planos de nos encontrarmos novamente e todo um futuro de portas abertas à nossa frente.

Então, saímos daquele universo paralelo de duas pessoas, golpeados pela

realidade de uma chuva que agora era um verdadeiro temporal do lado de fora da cafeteria. Marcus pediu que eu o deixasse me dar uma carona e eu aceitei; não pela chuva, mas porque nós éramos magnéticos e me forçar para longe dele exigia mais coragem do que eu possuía, porque eu só queria estender aquele sentimento por alguns instantes mais, caso fossem tudo o que durassem.

Às vezes tudo o que temos realmente são alguns instantes.

A luz vermelha se tornou verde e o carro entrou em movimento. Outro carro em grande velocidade nos acertou e todas as portas para o futuro foram fechadas.

Mas às vezes alguns instantes duram para sempre.

Era absurdo que eu nunca tivesse desconfiado, pois agora eu via como tudo parecia um mero conceito plano e unidimensional quando comparado à realidade. Agora eu via com tanta clareza a realidade, que chegava a machucar cada partícula da minha existência. Porque é verdade o que dizem, às vezes a ignorância é uma benção.

Toda a minha vida nos últimos tempos foi uma mentira. *A mentira perfeita*. Tudo o que sonhei e desejei se materializou em minha mente, mas eu estava parada no tempo. Tudo aquilo aconteceu sem nunca existir. Cada uma das minhas melhores lembranças ainda não tinha acontecido e talvez nunca fossem acontecer.

— Cecília. — o médico entrou e começou a checar meus sinais. — Você nos deu um susto e tanto. Como se sente?

— Confusa... — respondi com a voz rasgando e, secando as lágrimas, usei toda a minha força para continuar: — Sede.

Marcus encheu um copo plástico e ajudou-me a beber, sem permitir que

eu virasse tudo de uma vez. Ainda assim, o alívio gelado da água foi um presente instantâneo.

— É normal estar confusa. E com sede. Você se lembra como veio parar aqui?

Fechei os olhos com força, tentando bloquear o mundo. Mas desde que emergira em minha mente, a cena do acidente estava gravada a fogo no interior das minhas pálpebras.

— Acidente de carro. — respondi ao médico em um fio de voz, abrindo os olhos lentamente para ver a reação dele. — E considerando... Eu estava em coma, não estava?

Ele me analisou por alguns segundos, então concordou.

— Os pacientes tendem a acordar totalmente desorientados e agitados. O seu estado é realmente impressionante... Pessoalmente, nunca vi alguém perceber que estava acordando de um coma.

— Quanto tempo? — cortei seus elogios dolorosos, mas eu já sentia afundar antes mesmo da resposta.

— Você dormiu por seis dias.

Meu peito era um buraco-negro. O mundo ao meu redor queimava, e ainda assim eu congelava, tremendo de frio e de uma agonia impossível de nomear, porque as palavras simplesmente não podiam me alcançar, pois eu já caíra fundo demais.

— Se me permite perguntar... — o médico pediu com educação. — Como você deduziu tão rapidamente o que aconteceu?

— Eu estava... — minha voz falhou, então pigarreei e recomecei: — Eu estava... Sonhando, acho. Mas ontem... Bom, ontem na cronologia do sonho, aconteceu algo estranho e eu comecei a buscar respostas... Quando encontrei o

que eu procurava, encontrei também a lembrança do acidente.

O médico assentiu novamente, parecendo intrigado.

— Fascinante. O seu cérebro parece ter tentado te proteger com um sonho, como forma de confortá-la após o trauma do acidente. Já existem estudos e teorias de que o tempo em sonhos se passa de forma diferente da realidade, o que é ainda mais interessante, porque de manhã você teve uma parada cardíaca. Injetamos adrenalina e fizemos seu coração voltar a bater com choques elétricos.

— Foi quando o meu mundo nos sonhos começou a desmoronar?

— É uma possibilidade. Mas é apenas hipótese, altamente teórico, é claro. Ainda não sabemos explicar precisamente o que acontece em um coma. Alguns estudos apontam, inclusive, que o estado é bastante diferente de qualquer sono comum e, portanto, não deveria poder resultar em sonhos. Por outro lado, muitos pacientes acordam contando de seus sonhos.

Virei o rosto para não olhar o homem de branco, mas também não queria encarar Marcus. Porque ele não era quem devia ser, mas era exatamente quem eu lutara para recuperar. O nó que se formara em meu peito foi subindo pela garganta até arranhar o meu interior e escapar em lágrimas e soluços.

Ninguém interrompeu o meu colapso. Mesmo assim, eu percebi o médico parecer aliviado por eu finalmente ter uma reação mais condizente, e Marcus pairando ao meu lado como se existisse uma parede entre nós. Eu podia senti-lo querendo se aproximar, mas sem coragem para isso.

Quando meus soluços diminuíram, o médico finalmente quebrou o silêncio.

— Darei um pouco de privacidade para vocês conversarem melhor. Cecília, você terá que ir com calma nos primeiros dias, e continuaremos fazendo exames para garantir que não houve nenhum dano colateral. Mas você parece

muito bem para um primeiro momento, bem melhor até do que o esperado.

Concordei fracamente e ele lançou um sorrisinho encorajador enquanto se retirava.

— Você... — olhei para Marcus, mas ele não retribuiu. — Você estava aqui quando acordei.

Tentei forjar um sorriso, mas meu coração era composto por pequenos estilhaços que se mantinham no lugar apenas por costume, e qualquer movimento brusco poderia causar o impulso necessário para decompor-me completamente.

Observei o homem que eu acreditara ser meu noivo, o homem que não dividia as mesmas lembranças inventadas que eu. Cada centímetro entre nós era uma barreira sólida de um silêncio que gritava tudo o que não éramos capazes de dizer.

Eu achava que já tinha chorado tudo o que havia para chorar, mas foi impossível conter as lágrimas que vieram subindo desde as profundezas de meu peito, irrompendo em um fluxo contínuo e descontrolado mais uma vez.

O retorno do meu choro pegou Marcus de surpresa, fazendo-o finalmente se aproximar com cuidado e preocupação estampadas por seu rosto. Primeiro, ele apenas colocou uma mão em meu ombro, sem saber em que ponto havíamos parado ou quais linhas poderia estar cruzando. Por mais que me doesse reconhecer, nós não tínhamos convivência o suficiente para lidar com aquilo de forma natural. Porém, tal pensamento apenas intensificou meu choro, e ele logo abandonou a precaução e me envolveu em seus braços, aconchegando-me contra seu peito.

Era incrível como aquilo parecia tão familiar e tão absurdamente novo ao mesmo tempo. Eu o abraçara inúmeras vezes nos anos que transcorreram em

meus sonhos, mas mais uma vez eu percebia que a minha vida do sonho se parecera mais com ser um telespectador do que realmente sentir e viver. A sensação da pele dele contra a minha, por exemplo, costumava ser apenas uma ideia, uma projeção simples de minha mente, uma definição comum, meramente ilustrativa para explicar o ato de abraçar... Na realidade, porém, aquele pequeno ato era bem mais inexprimível e complexo, englobando tantos detalhes e sentimentos que seria impossível sequer compreendê-los por completo, muito menos descrever em meras palavras. Não importava em qual idioma eu tentasse, eu sabia que todas as palavras já inventadas pela raça humana ainda não seriam suficientes para explicar a imensidão daquele único abraço.

Marcus não disse nada, apenas acariciou meu cabelo e deixou que eu me esvaísse pela perda do que nunca foi meu. Eventualmente, as lágrimas cessaram e apenas fiquei ali, sentindo o batimento irregular e maravilhoso, o milagre inimaginável e tão óbvio de seu coração.

— Eu sinto muito, Ceci.

A voz dele estava reprimida, como se estivesse usando toda a força para conter uma avalanche. Aquilo me surpreendeu, porque me parecia absurdo que ele sequer pensasse que precisava se desculpar. Apertei-o um pouco mais, tentando fazê-lo notar que nem por um segundo eu sequer cogitaria nutrir qualquer tipo de sentimento adverso em relação a ele. Senti seu corpo reagir, o choro finalmente escapando de seu peito também, e foi minha vez de consolá-lo por alguns minutos.

— Quer falar sobre isso? — perguntou ele em uma voz baixa quando me afastei um pouco, secando as lágrimas disfarçadamente.

— Eu sonhei. — respondi em um fio de voz, envergonhada demais para

olhá-lo. — O tempo todo, eu sonhei. Eu estava aqui, pausada... Mas a minha vida continuou. Agora eu sei que era mentira... Mas parecia tão real! E eu segui em frente. Eu tinha uma carreira, um futuro, eu... Eu estava *feliz*.

— Agora você pode ser feliz de verdade, Cecília. Aqui é o único lugar onde podemos tentar, é o único jeito que conseguiremos qualquer tipo de futuro.

Em reflexo meus olhos se levantaram. Ele não deu nenhum sinal de reconhecer algumas das palavras que dissera naquele jantar fatídicom, no meu mundo perfeito e imaginário.

— Você estava lá. Eu não deveria te contar, eu acho. Mas eu não posso continuar assim. Você diz que aqui é a única realidade, mas você está errado. Mesmo sendo mentira, *foi real*. Eu tenho lembranças que você nunca viveu. Para você foram seis dias, para mim foram *anos*, Marcus!

— Eu... Eu estava lá?

Meus olhos se encheram d'água, mas meus lábios se esforçaram para formar um sorriso mesmo que eu soubesse que todo o meu semblante era pura desolação.

— Você *sempre* esteve lá. Porque aquele mundo era criação da minha mente, não era? E você sempre esteve lá, em meus pensamentos. Como haveria um mundo criado por mim em que você não estivesse?

Ele piscou, pasmo com a confissão.

Eu sempre me contive a vida inteira. Perdi oportunidades e até mesmo quase o perdi uma vez apenas por causa do meu medo de estar arriscando demais, por meu medo de perder. Mas depois de realmente perder toda uma vida ideal, parecia absurdamente tolo ainda ter medo de algo.

Contudo, um sorriso derreteu as feições travadas dele.

— É bom saber disso... — ele acariciou a minha mão com seu toque aveludado e suave. — Mas eu não posso te prometer qualquer semelhança com a vida que levamos em sua mente. Aqui não será igual. Eu não sei o roteiro e eu nem iria querer saber... Não vamos acertar tudo, Cecília. Mas eu ainda quero tentar. Quando tudo aconteceu... Nesses dias, eu me recusei a pensar que eu te encontrei de novo apenas para te perder mais uma vez. Eu acho que eu nunca deixei de querer uma segunda chance.

— Eu já tive a perfeição, eu não quero repetir o que já vivi. Na verdade, são as imperfeições que tornam tudo tão magnífico, Marcus. Eu quero as brigas e as dificuldades, porque eu quero saber que isto é real. Eu não quero atalhos. Eu só quero o desconhecido, as incertezas, o frio na barriga. Eu só quero *tentar*.

— De verdade, desta vez?

— De verdade.

Ele sorriu e aproximou seus lábios do meu, apenas roçando nossas peles.

Finalmente sorri com sinceridade e alívio.

Deveria ser assustador, não deveria? Naquela manhã eu achara estar noiva, mas estávamos de volta em nosso primeiro encontro. Eu jamais esqueceria coisas que ele nunca poderia lembrar. E ainda assim, ao olhar dentro daqueles olhos, havia o universo novamente, com todo o seu esplendor e suas chamas ardentes de uma vida por viver.

Eu podia até ter nos destruído como casal. Talvez, mesmo que desejássemos, nunca conseguíssemos chegar tão longe quanto chegamos em meus sonhos. Mas eu nos trouxera de volta, por fim. Eu estava viva e os olhos dele novamente continham a imensidão infinita na qual eu poderia me perder.

Mas eu não estava mais perdida, e eu não estava ficando louca.

Eu finalmente estava em casa.

Carina Doson é o pseudônimo que Nina Cardoso usa para escrever suas histórias de ficção e fantasia. Você pode saber mais e manter contato através das redes sociais: /carinadoson ou @carinadoson